



PROPOSTA DE PLANO MUSEOLÓGICO AO MUSEU VIVO DO MAR DA UFRJ

Fellipe Redó Garcia Leite
Baía de Guanabara, 2026

**MUSEU DO MAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
DE JANEIRO: ANÁLISE HISTÓRICA E REAPLICAÇÃO DE
METODOLOGIA PARTICIPATIVA COMO PROCESSO
MUSEOLÓGICO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

CENTRO DE TECNOLOGIA - CT

**NÚCLEO INTERDISCIPLINAR PARA O
DESENVOLVIMENTO SOCIAL - NIDES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA
PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL - PPGTDS**

Fellipe Redó Garcia Leite

**Este produto técnico integra a
dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Tecnologia para o
Desenvolvimento Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre. Área de
concentração: Tecnologia Social.**

Banca examinadora

Prof. Dr. Paulo Cezar Maia – UFRJ (orientador)

Prof. Dra. Andrea Fernandes Costa – UNIRIO

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro – UFDPar

Prof. Dr. Felipe Addor – UFRJ

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]
[Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil]**

Leite, Fellipe Redó Garcia
Proposta de plano museológico ao museu vivo do
mar da UFRJ [livro eletrônico] / Fellipe Redó Garcia
Leite. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-10087-5

1. Desenvolvimento social 2. Museus 3. Memórias
4. Tecnologia I. Título.

26-360691.0

CDD-069

Índices para catálogo sistemático:

1. Museus : Preservação da memória e cultura :
Museologia 069

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0



À nova geração de primos:
Diogo Leite Deplan
Helena Belem Nobre Redó
Maitê Engelbrecht Redó
Theo Engelbrecht Redó

*Por extensão, a todas as crianças que merecem habitar
um mundo sem guerras e com museus*

Aos mestres:
Elmo Amador (*in memorian*)
Fernando Amorim (*in memorian*)
Marcus Lucenna (*in memorian*)

Registro meu reconhecimento à generosa compreensão das instituições em que trabalhei ao longo deste período e que souberam acolher minhas ausências e inconstâncias: o Instituto Trocando Ideia de Tecnologia Social Integrada, a Germinal – Assessoria Terra, Trabalho e Educação, o Estaleiro Escola da Baía de Guanabara e a Escola Popular dos Povos do Mar.

Estendo também meus agradecimentos ao Programa Tecnologia Social e Ciências do Mar (TSCM) e ao Projeto Pesquisa-Ação da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal (PAPESCA).

Aos colegas docentes, discentes e técnicos-administrativos do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ), expresso meu agradecimento, especialmente ao meu xará e “dupla sertaneja”, Prof. Felipe Addor, bem como aos professores Maurício Nepomuceno e Paulo Maia, e aos colegas da turma de 2013, com quem foi um prazer compartilhar essa trajetória.

Agradeço, ainda, à verdadeira matéria viva deste trabalho: os pescadores da Baía de Guanabara, os museólogos, as instituições museais e os sonhos partilhados ao longo do caminho.

Dirijo um agradecimento especial à Profa. Dra. Andrea Fernandes Costa, à Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro e à querida amiga e presidenta do IBRAM, Sra. Fernanda Castro. São essas presenças, saberes e esperanças que dão sentido ao que aqui se escreve.

Por fim, e com o coração inteiro, agradeço à minha companheira, Bruna Nobre Belem, por estar ao meu lado em mais esta aventura. Pela presença constante, pelo afeto, pela escuta e pela coragem de seguir comigo, mesmo quando o caminho parecia incerto.



**“NÓS SOMOS OS OLHOS DA BAÍA
DE GUANABARA, DE ENTORNO
DA BAÍA DE GUANABARA,
VEMOS MUITAS COISAS,
SABEMOS DE MUITAS COISAS,
MAS MUITAS VEZES NÃO
FALAMOS NADA”**

*Francisco Roberto Peres dos Santos
“Catito” - Pescador Artesanal*

PÁG. 01

Apresentação

PÁG. 03

Linha do tempo

PÁG. 06

Introdução

PÁG. 08

Contexto interno e externo

PÁG. 10

Matriz FOFA

PÁG. 11

Direção estratégica

PÁG. 12

Públicos prioritários

PÁG. 13

Potenciais parceiros institucionais

PÁG. 13

Implantação em quatro etapas

PÁG. 14

Calendário de ações

PÁG. 15

Programas estruturantes

PÁG. 22

Projetos e ações a serem desenvolvidos

PÁG. 25

Referência bibliográfica

SUMÁRIO

Esta publicação apresenta a proposta de Plano Museológico do Museu Vivo do Mar da UFRJ, concebida como produto técnico vinculado à dissertação Museu do Mar da Universidade Federal do Rio de Janeiro: análise histórica e reaplicação de metodologia participativa como processo museológico. Seu propósito é reunir de forma sintética os principais fundamentos, diretrizes e possibilidades de implantação do museu.

O documento foi elaborado como instrumento de orientação estratégica, destinado a apoiar processos de diálogo, pactuação e amadurecimento institucional. Mais do que registrar uma intenção, busca organizar uma visão comum sobre o que o Museu Vivo do Mar pretende ser, quais públicos deseja mobilizar, quais programas estruturam sua atuação e de que modo sua consolidação pode ocorrer de forma progressiva.

Entendido como processo museológico universitário e participativo, o Museu Vivo do Mar volta-se à valorização das memórias, dos saberes e das tecnologias sociais relacionadas às Ciências do Mar, em estreita conexão com a Baía de Guanabara e com os territórios costeiros. Nesse sentido, esta cartilha busca contribuir para a circulação da proposta entre gestores universitários, equipes técnicas, pesquisadores, extensionistas, parceiros institucionais e grupos sociais envolvidos.

O plano aqui apresentado não possui caráter definitivo ou normativo. Trata-se de uma base de trabalho aberta à validação coletiva, ao aperfeiçoamento técnico e à construção compartilhada, em consonância com os princípios da universidade pública, da museologia social e do compromisso com o patrimônio cultural e socioambiental.



Hangar Náutico da UFRJ. S/ data. Acervo:
www.museudomar.wordpress.com

POR QUE O MUSEU VIVO DO MAR IMPORTA?

A proposta responde a uma demanda real: criar, no âmbito da UFRJ, um espaço de salvaguarda, pesquisa, educação e comunicação pública do conhecimento que reconheça a centralidade da Baía de Guanabara e das comunidades costeiras na formação social, ambiental e cultural do Rio de Janeiro.

A Baía de Guanabara concentra memórias de trabalho, circulação, pesca, conflito, sociabilidade e pertencimento. A universidade pública, por sua vez, possui capacidade institucional para organizar pesquisa, documentação, mediação e difusão. O museu permite dar permanência e inteligibilidade pública a ações já existentes em ensino, pesquisa e extensão, aproximando ciência, patrimônio, justiça socioambiental e diálogo entre saberes.

LINHA DO TEMPO

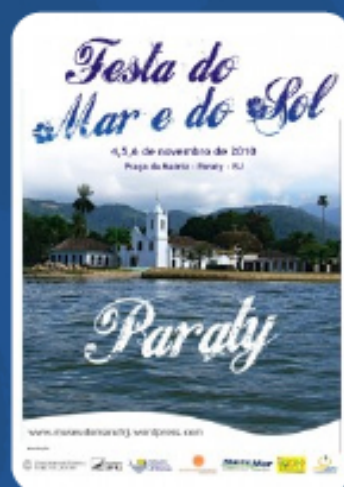
2002

Seminário Baías e Ambientes Costeiros

Reuniu pesquisadores dedicados aos ambientes marinhos e costeiros do Rio de Janeiro. Entre seus encaminhamentos, destacou a divulgação científica e cultural por meio de exposições, eventos e publicações.

Programa UFRJMar

Criado como ação anual de divulgação científica no litoral fluminense, articula formação acadêmica, extensão universitária e cooperação com comunidades e governos locais.



2009 - 2012

Museu do Mar da UFRJ

Ao longo de três anos de experiência museológica, mobilizou docentes e discentes na formulação de acervos, metodologias e espaços, além da realização de exposição no Hangar da UFRJ.



MUSEU
DA CIÊNCIA E CULTURA DO **MAR**

2021

Programa Tecnologia Social e Ciências do Mar

Programa de extensão interdisciplinar voltado à integração entre ensino, pesquisa e extensão. Reúne projetos ligados à tecnologia social, à cultura marítima e aos territórios costeiros, como o Desafio Solar Brasil, a Algicultura na Baía da Ilha Grande e o UFRJMar.



2023

Museu Vivo do Mar

Nova etapa do projeto extensionista foi estruturada com participação dos alunos do Colégio Estadual João Borges de Moraes, na Maré. A proposta partiu da pergunta: *qual é a cultura marítima presente na Baía de Guanabara?*



2024

Processo museológico



Visita ao Museu Naval



Visita ao Ponto de Memória Oficina
Escola Naval Mestre Harildo

2025

1º Encontro do Museu Vivo do Mar

Realizado durante a 23ª Semana Nacional de Museus, o encontro debateu a viabilidade do projeto e gerou um diagnóstico participativo.



INTRODUÇÃO

Estatuto dos Museus Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Brasil, 2009)

A elaboração de um plano museológico constitui etapa fundamental no processo de estruturação de instituições museais.

No contexto brasileiro, o Estatuto de Museus estabelece princípios, diretrizes e instrumentos voltados à organização, à preservação e à função social dos museus, reconhecendo o Plano Museológico como ferramenta estratégica para definição de vocação, prioridades e formas de atuação. De modo complementar, o Decreto nº 8.124/2013 compreende o processo museológico como o conjunto de programas, projetos e ações desenvolvidos com base nos fundamentos teóricos e práticos da museologia, considerando território, patrimônio cultural e memória social de comunidades específicas.

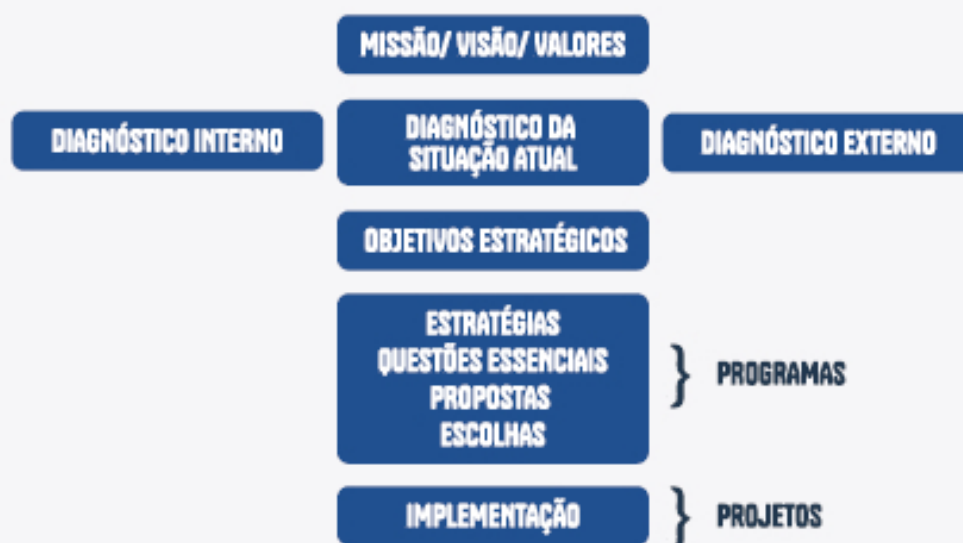
É nesse marco que se insere a presente proposta de Plano Museológico para o Museu Vivo do Mar. Vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, o projeto nasce do reconhecimento de que a Baía de Guanabara e seus territórios costeiros concentram memórias, práticas de trabalho, saberes tradicionais, conflitos socioambientais e formas de vida que merecem ser investigados, valorizados e comunicados publicamente.

O documento ora apresentado busca sistematizar diretrizes para a consolidação do Museu Vivo do Mar, articulando identidade institucional, públicos prioritários, programas estruturantes, parcerias, etapas de implantação e projetos associados. Seu objetivo não é fixar um modelo fechado, mas oferecer uma base de referência capaz de orientar decisões, fortalecer pactuações e apoiar o amadurecimento institucional da proposta.

Mais do que um instrumento técnico, este plano assume o museu como espaço de encontro entre patrimônio, ciência, memória, educação e participação social. Ao fazê-lo, procura contribuir para que o Museu Vivo do Mar se afirme como iniciativa universitária comprometida com a valorização da cultura marítima, com a preservação do ambiente costeiro e com a construção coletiva de novas formas de relação entre universidade e território.

Em síntese, o Plano Museológico pode ser compreendido como um encadeamento entre leitura de contexto, definição institucional e acompanhamento das ações propostas. Nesse processo, ganham centralidade o diagnóstico interno e externo, a formulação de missão, visão e valores, a definição de objetivos estratégicos e a previsão de indicadores e instrumentos de avaliação, que permitem monitorar resultados e subsidiar revisões periódicas do plano.

RESUMO DO PLANO MUSEOLÓGICO



Fonte: Plano Museológico: Planejamento estratégico para museus; Escola Nacional de Administração Pública - Enap junho 2023.

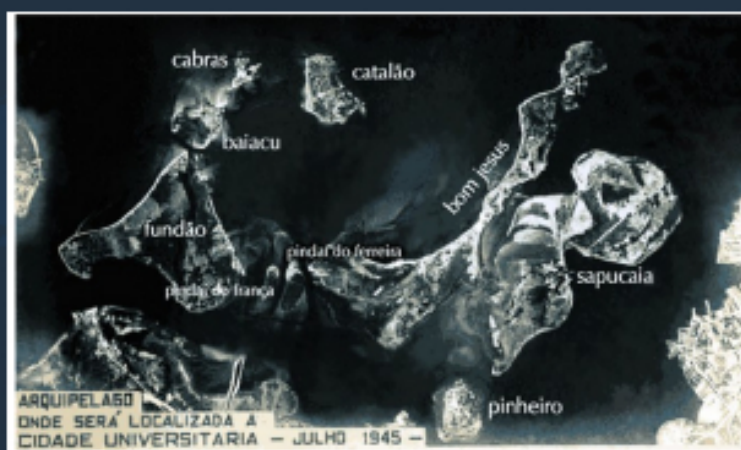
CONTEXTO INTERNO E EXTERNO



Com 337 km² de espelho d'água, a Baía de Guanabara é a vértebra líquida da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. São 12 milhões de habitantes distribuídos em 16 municípios, afluentes de seus rios, margens e ilhas. A beleza natural da Baía de Guanabara, integrada à paisagem cultural reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO, contrasta com o histórico de poluição antrópica e com as sucessivas falhas de políticas públicas voltadas à sua recuperação ambiental.

Ao mesmo tempo, o meio ambiente – compreendido aqui em sua dimensão ampliada, que inclui também os seres humanos e suas formas de organização social – não deixa de surpreender. Os povos originários reconheceram nesse território condições estratégicas para assentamento e sobrevivência, dada sua abundância de recursos naturais e proteção geográfica. Posteriormente, diferentes levadas migratórias e ocupações humanas imprimiram camadas sucessivas de significados culturais, produtivos e simbólicos, constituindo um patrimônio natural singular.

A UFRJ, com mais de um século de existência, compõe o conjunto das instituições educacionais de referência no Brasil, reconhecimento reforçado pela excelência de seu corpo docente e discente, bem como por sua produção científica de ponta. Seu principal campus, a Cidade Universitária, localiza-se na Ilha do Fundão, território construído a partir do aterro de sete antigas ilhas da Baía de Guanabara – entre elas, Catalão, Fundão, Pindaí do França e outras formações insulares incorporadas ao longo do século XX.



Arquipélago onde será localizada a Cidade Universitária - junho de 1945. Acervo: www.museudomar.wordpress.com

Um Museu Vivo do Mar que emerja nessas circunstâncias precisa, antes de tudo, “beber de seu seio de mar”. Trata-se da busca por um museu guanabarino, um museu que guarde memórias, comunique urgências ambientais e, quando necessário, manifeste-se em insurgências éticas e socioambientais. Dessa forma, a UFRJ, por sua interferência na ocupação do espaço, reorganizando inclusive o território, possui uma responsabilidade histórica de colocar seu centro de excelência em ensino, pesquisa e extensão a serviço da promoção da qualidade de vida e da busca de soluções para os impasses socioambientais colocados. O planejamento estratégico da universidade merece espelhar essas preocupações de forma efetiva, no que o Museu Vivo do Mar pode contribuir de maneira relevante para a garantia do Patrimônio Natural da Bacia da Guanabara.

MATRIZ FOFA

A análise FOFA é um instrumento de planejamento estratégico que tem por objetivo examinar os principais fatores internos e externos que incidem sobre o desenvolvimento do projeto museológico. Ao identificar **forças, fraquezas, oportunidades e ameaças**, esse instrumento permite compreender, de forma qualificada, as condições institucionais, estruturais e territoriais que atravessam a iniciativa.

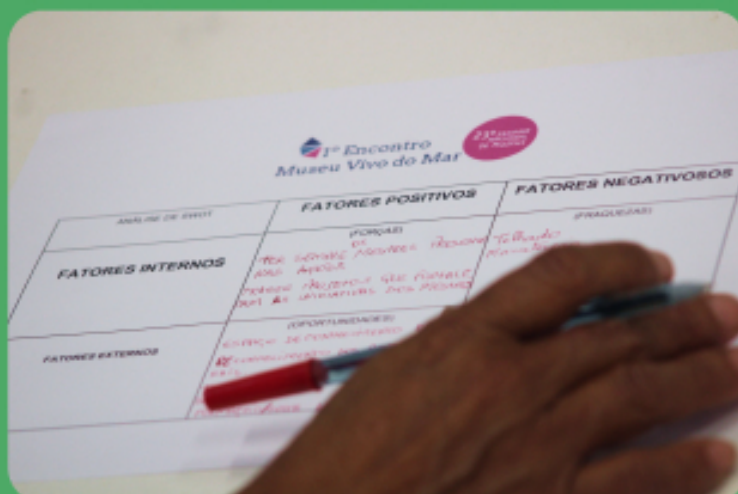


Foto: 1º Encontro do Museu Vivo do Mar acervo: Escola Popular dos Povos do Mar (2025)

	FATORES POSITIVOS	FATORES NEGATIVOS
AMBIENTE INTERNO	FORÇA • Alto poder de articulação institucional através da UFRJ; • Vocação baseada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. • Forte repertório relacionado à Tecnologia Social e às Ciências do Mar.	FRAQUEZA • Déficit de infraestrutura do espaço. • Baixa mobilidade interna no campus. • Conhecimento ainda insuficiente da comunidade acadêmica sobre o espaço e sua potencialidade museológica.
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADE • Potencial de Inserção na agenda política na Década do Oceano (ONU); • Repertório histórico do imóvel; • Posição estratégica de acesso ao mar.	AMEAÇA • Déficit de mobilidade urbana e questões de segurança pública. • Persistência da poluição e da degradação ambiental da Baía de Guanabara.

DIREÇÃO ESTRATÉGICA

MISSÃO

Pesquisar, preservar, valorizar, comunicar e difundir memórias populares, práticas do saber-fazer e tecnologias sociais relacionadas às Ciências do Mar, promovendo a produção e a socialização do conhecimento por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitária, de modo a fortalecer a cultura marítima e contribuir para a compreensão e a preservação do ambiente costeiro.

VISÃO

Consolidar-se como referência em tecnologia social aplicada às Ciências do Mar, com programa permanente de extensão universitária, metodologias participativas e rede de cooperação com comunidades costeiras.

VALORES

Interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade.
Justiça socioambiental.
Diversidade cultural.
Participação social.
Educação pública, gratuita, crítica e de qualidade.
Sustentabilidade.

PÚBLICOS PRIORITÁRIOS

COMUNIDADES PESQUEIRAS E COSTEIRAS	Participação social, escuta, registro de memórias, coautoria de ações e fortalecimento de vínculos com o território.
ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO BÁSICA	Visitas mediadas, educação museal, patrimonial e ambiental, conteúdos introdutórios sobre mar, cidade e patrimônio
COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFRJ	Integração com ensino, pesquisa, extensão, estágio, monitoria, produção de conhecimento e ocupação qualificada do espaço.
PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES PARCEIRAS	Cooperação técnica, documentação, difusão científica, projetos colaborativos e redes de atuação.

POTENCIAIS PARCEIROS INSTITUCIONAIS

1. Órgãos públicos

Instituto Brasileiro de Museus, Ministério da Cultura, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação, Ministério da Pesca e Aquicultura;

2. Instâncias internas da UFRJ

Reitoria, PR-5, Fórum de Ciência e Cultura, Museu Nacional, Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ

3. Parceiros estratégicos

Museus do mar no Brasil e no exterior, Rede dos Pontos de Cultura e Pontos de Memória, associações de pescadores, movimentos socioambientais e instituições de ensino e pesquisa.

IMPLANTAÇÃO EM QUATRO ETAPAS

Etapa 1. Estruturação institucional

Consolidação da proposta conceitual, pactuação inicial, formação do núcleo de governança e definição dos programas prioritários.

Etapa 2. Organização museológica

Levantamento de acervos e referências patrimoniais, definição de rotinas de documentação, repositório digital e comunicação institucional.

Etapa 3. Ampliação pública e territorial

Desenvolvimento de exposições, visitas mediadas, início das ações educativas, articulação com parceiros e fortalecimento da inserção territorial.

Etapa 4. Expansão e inovação

Maturação de projetos estruturantes de maior complexidade.

CALENDÁRIO DE AÇÕES

Como organismo de apoio às Ciências do Mar, o museu valoriza o ritmo do ambiente marinho, as tábuas de maré e os ciclos da vida. Busca também integrar-se ao calendário acadêmico da instituição, de modo a envolver a comunidade universitária, além de participar de efemérides nacionais e datas museais abertas gratuitamente ao grande público. As visitas devem ocorrer mediante agendamento prévio, garantindo planejamento pedagógico e mediação qualificada.

JANEIRO	Recesso
FEVEREIRO	Seminário interno de planejamento do MVM
MARÇO	Planejamento Estratégico Anual do NIDES e Recepção aos calouros da UFRJ
ABRIL	Visita com exposição itinerante a associações e colônias de pesca da Baía de Guanabara.
MAIO	18 de Maio - Dia Internacional de Museus e Semana Nacional de Museus, com Exposição Temporária
JUNHO	8 de junho - Dia Mundial do Oceano 29 de Junho - Dia de São Pedro Pescador
JULHO	Recesso
AGOSTO	Evento UFRJMar e participação junto a Rede de Pontos de Memória
SETEMBRO	7 de setembro - Aniversário da UFRJ e Primavera de Museus, com exposição Temporária
OUTUBRO	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
NOVEMBRO	Recepção com exposição permanente no Hangar Náutico para o público escolar
DEZEMBRO	Assembleia de Final de Ano e Confraternização do NIDES e MVM

PROGRAMAS ESTRUTURANTES

1. PROGRAMA INSTITUCIONAL / GOVERNANÇA

O Museu configura-se como projeto de extensão universitária vinculado ao **Programa Tecnologia Social e Ciências do Mar (TSCM/NIDES)**, com gestão participativa e coletiva, em articulação com um **Coletivo de Amigos do Museu Vivo do Mar**, formalmente constituído como Ponto de Memória.

Pontos de Memória são entidades culturais ou coletivos culturais certificados pelo Ibram, no âmbito de uma política de reconhecimento e valorização da memória social construída por comunidades, grupos e movimentos sociais.

2. PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS

O funcionamento do museu poderá apoiar-se em um modelo de gestão compartilhada, articulando a atuação de docentes e técnicos-administrativos do NIDES, a participação de discentes em ações de extensão, o suporte técnico-museológico do SIMAP e o envolvimento ativo do Coletivo de Amigos do Museu Vivo do Mar.

Organograma e fluxograma



Coordenação institucional:
TSCM/NIDES

Articulação social:
Coletivo de Amigos do Museu Vivo do Mar

Gestão técnica:
exposições, educativo e acervos

Gestão administrativa:
pessoas, financiamento e fomento

Relações institucionais:
comunicação e parcerias

3. PROGRAMA DE ACERVOS

O programa de acervos será organizado em curto, médio e longo prazos, conforme as condições mínimas de infraestrutura para guarda, documentação e salvaguarda.

No curto prazo, prioriza-se a estruturação de acervos digitais, ampliando o registro, a organização e o acesso ao patrimônio relacionado ao museu.

No médio prazo, propõe-se a constituição de acervo voltado às referências patrimoniais das baías e ambientes costeiros do Rio de Janeiro, com ênfase na pesca artesanal.

No longo prazo, prevê-se a incorporação de embarcações artesanais, apetrechos de pesca e outros bens associados às culturas marítimas e costeiras.

4. PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

O programa poderá articular três frentes complementares de exposição, conforme os públicos, as condições institucionais e os objetivos do museu.

1º cenário: exposições permanentes voltadas ao público escolar, assegurando continuidade às ações desenvolvidas pela UFRJMar.

2º cenário: exposições temporárias e itinerantes voltadas às comunidades de pescadores e a territórios com baixa oferta de equipamentos culturais.

3º cenário: exposições virtuais baseadas em inventários participativos da pesca, ampliando o acesso e a difusão dos conteúdos do museu.



5. PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL

O programa educativo e cultural será orientado pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em consonância com a atuação universitária e a gestão compartilhada do museu.

Suas ações deverão priorizar a qualificação do corpo social envolvido, com base na educação museal, na educação popular, na diversidade cultural e na valorização do patrimônio natural.



Foto: Oficina de Remo.
Acervo: Estaleiro Escola



Foto: Cia Folclórica de Dança da UFRJ.
Acervo: Escola Popular dos Povos do Mar

6. PROGRAMA DE PESQUISA

O programa de pesquisa do museu poderá articular-se ao **Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS), sediado no NIDES/UFRJ.**

Tecnologia Social pode ser compreendido como conjunto de produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e voltadas à efetiva transformação social (RTS, 2009).

7. PROGRAMA ARQUITETÔNICO-URBANÍSTICO

O programa arquitetônico-urbanístico abrange a conservação, a adequação e o uso qualificado dos espaços internos e externos vinculados ao museu.



1º momento: prevê a realização de reformas emergenciais no Hangar Náutico da UFRJ, com uso de espaços comuns, como auditório, sala de reuniões e área de oficinas.

2º momento: compreende o museu como território expandido, considerando o Complexo do Hangar e a área contígua à Ponta do Catalão, remanescente de vegetação ciliar em zona de amortecimento, na interface entre praia, restinga e manguezal, conforme o PDI 2030 da UFRJ.

9. PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE

O programa de acessibilidade deverá considerar, além da dimensão física, aspectos econômicos, informacionais, culturais e comunicacionais, de modo a ampliar o acesso e a participação dos diferentes públicos. Parte-se da compreensão de que espaços inclusivos são aqueles que implementam, ainda que gradualmente, medidas de acessibilidade arquitetônica, metodológica, instrumental, programática, atitudinal e comunicacional.

10. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

O programa de comunicação deverá estabelecer estratégias e ferramentas básicas de relacionamento com os públicos de interesse, abrangendo ações de jornalismo, publicidade e relações públicas.

Para sua execução, poderá contar com suporte institucional, como jornalista do NIDES, extensionistas do TSCM e apoio da PR-5, além da formação de comunicadores sociais orientados pela educomunicação.

11. PROGRAMA DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

O programa de financiamento e fomento deverá priorizar a inscrição em editais e mecanismos de apoio voltados à captação de recursos públicos para o museu.

1º momento: recursos oriundos da universidade, destinados ao custeio de estudantes extensionistas, como o Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX).

2º momento: incluem editais lançados por ministérios, autarquias e demais órgãos das esferas federal, estadual e municipal.

São aspectos contemplados pelo PDI 2030: a ordenação dos espaços livres visando ao uso sustentável; a preservação dos espaços verdes, como o Parque do Catalão, o Parque da Orla ou áreas de manguezal no entorno da Cidade Universitária; a requalificação desses espaços para usos recreativos, para ensino, pesquisa ou extensão; o aumento da eficiência energética; a melhoria da gestão das redes de infraestrutura em geral (PDI, p. 16).



8. PROGRAMA DE SEGURANÇA

O Programa de Segurança deverá orientar-se pela gestão de riscos, integrando medidas voltadas à prevenção, ao monitoramento e à redução de ameaças ao patrimônio museal.

1º momento: Opta-se, nesta etapa, por não realizar a incorporação e a guarda permanente de acervos, até que o espaço disponha das condições adequadas de infraestrutura, conservação preventiva, segurança e gestão museológica.

2º momento: o acervo digital deverá contar com, no mínimo, duas cópias de segurança físicas, como medida de preservação e redundância.

PROJETOS E AÇÕES A SEREM DESENVOLVIDOS

1. ESTALEIRO ESCOLA DA BAÍA DE GUANABARA

O projeto consiste em dar continuidade ao curso de extensão universitária voltada à qualificação profissional, à valorização dos saberes tradicionais e à salvaguarda da construção naval artesanal como patrimônio cultural brasileiro.

Parte do reconhecimento de que os conhecimentos associados à construção, manutenção e reparo de embarcações artesanais integram um amplo repertório de técnicas, práticas sociais, formas de organização do trabalho e relações históricas com os territórios costeiros.



AÇÃO

Curso de extensão sobre carpintaria naval artesanal (80 horas)

AÇÃO

Programa pedagógico sobre Patrimônio Naval Brasileiro

2. REPOSITÓRIO SOBRE A PESCA ARTESANAL NA BAÍA DE GUANABARA

Propõe a criação de uma plataforma voltada à reunião, organização, preservação e difusão de conteúdos relacionados às memórias, saberes, práticas e modos de vida vinculados à pesca artesanal na região.

A iniciativa parte do reconhecimento de que a pesca artesanal constitui patrimônio cultural, social e ambiental de grande relevância, frequentemente marcado pela dispersão de registros, pela invisibilização institucional e pela fragilidade dos mecanismos de salvaguarda.

AÇÃO

Construção colaborativa de repositório digital da pesca artesanal na Baía de Guanabara

AÇÃO

Contribuir junto a Pesquisa-Ação na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal - PAPESCA

3. VISITAS MEDIADAS AO PARQUE DO CATALÃO E A BAÍA DE GUANABARA

Consiste em percursos formativos voltados à aproximação entre universidade, território e público visitante, por meio de experiências guiadas de caráter educativo, patrimonial e ambiental.

Parte do entendimento de que o Parque do Catalão e a Baía de Guanabara constituem espaços de grande relevância histórica, ecológica, paisagística e cultural, capazes de favorecer sensibilização, leitura crítica da paisagem e valorização das memórias ligadas às Ciências do Mar e aos modos de vida costeiros.

AÇÃO

Montagem de roteiro e de visitas mediadas ao Parque do Catalão

4. OBSERVATÓRIO DE TECNOLOGIA SOCIAL E CIÊNCIAS DO MAR

Trata-se de espaço permanente de sistematização, produção e difusão de conhecimentos voltados à interface entre saberes populares, práticas sociotécnicas e temas relacionados ao mar e aos territórios costeiros.

Parte do reconhecimento de que as Ciências do Mar não se restringem ao campo técnico-científico convencional, mas se constroem também em diálogo com experiências comunitárias, modos de vida tradicionais e formas coletivas de enfrentamento de desafios socioambientais.

AÇÕES

Diálogo com demais órgãos e redes voltadas à Tecnologia Social e à divulgação científica

Catálogo digital de tecnologias sociais voltadas às Ciências e à Cultura do Mar

Organização e divulgação do acervo Fernando Amorim

5. BARCO-MUSEU ITINERANTE

A proposta do Barco-Museu Itinerante surge como resposta à concentração de equipamentos culturais em áreas mais privilegiadas da região metropolitana do Rio de Janeiro, quadro que contribui para a baixa representatividade das comunidades tradicionais pesqueiras, catadoras e maricultoras nos espaços museais existentes.

Propõe-se a concepção de uma embarcação movida a energia solar, estruturada como ecomuseu itinerante, capaz de percorrer o espelho d'água da Baía de Guanabara e atuar como plataforma pedagógica para difusão científica, valorização dos saberes tradicionais e ampliação do acesso à cultura.

Articulada ao Museu Vivo do Mar, a iniciativa desloca a lógica do museu fixo, aproximando-o de seu território e de seus públicos, ao mesmo tempo em que reconhece as histórias, práticas e memórias das populações que vivem e trabalham na baía.

AÇÕES

Montagem de protótipo da embarcação-museu

Concepção de exposição e ação educativa museal aplicada ao projeto

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus.

BRASIL. Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904/2009 e dispõe sobre o setor museológico.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). Plano Museológico: planejamento estratégico para museus. Brasília: Enap, 2023.

REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS). Tecnologia Social e Desenvolvimento. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2030. Rio de Janeiro: UFRJ.

AMADOR, Elmo da Silva. Baía de Guanabara e ecossistemas periféricos: homem e natureza. Rio de Janeiro: E. S. Amador, 1997

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília, DF: IBRAM, 2016. 112 p.: il.

Autor:

Fellipe Redó Garcia Leite

Supervisão:

Paulo Cezar Maia

Identidade Visual e Diagramação:

Monique Lupe

Revisão:

Bruna Nobre Belem

Licença: *Creative Commons – permitida a reprodução, desde que citada a fonte*

Realização:



NDES



Apoio:



Instituto Treinamento Militar

